



E se o seu marido fosse
o grande amor de outra pessoa?

NOSSA MÚSICA



“Uma visão fascinante sobre amizade,
família e a fragilidade da vida.” – *The Lady*

DANI ATKINS

AUTORA DE *UMA CURVA NO TEMPO*



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para Ralph,
por ser a melodia da minha música.*

CAPÍTULO 1

Muitas coisas poderiam ter mudado o desfecho daquela noite. Ele poderia ter ido trabalhar de carro em vez de deixar que a esposa o usasse. No entanto, ela não teria chegado a tempo para a apresentação de Natal na escola. E ele sabia quanto era importante para Jake que pelo menos um dos pais estivesse na plateia no dia de sua estreia na peça. Ele era esse tipo de pai.

Poderia ter ido para o pub. Mas ele não teve a menor dificuldade para escolher entre passar o tempo bebendo com colegas de trabalho e voltar para casa, para sua linda mulher. Absolutamente nenhuma. Mesmo depois de sete anos de casamento, não queria perder um só momento com ela. Jamais ia querer. Ele era esse tipo de marido.

Poderia ter ignorado as crianças que lhe pediram ajuda enquanto ele cruzava o parque. Poderia ter lhes dito que seu cachorro conseguiria sair sozinho do lago congelado. Porém, ao ver a expressão de terror nos olhos do animal que tentava escapar do buraco no gelo, soube que teria que resgatá-lo. Ele era esse tipo de homem.



A menina não devia ter mais de 9 anos; o garoto parecia ser mais novo que Jake, seu filho. Tinham surgido em disparada por entre as árvores que ladeavam o caminho, agarrando-o pelo braço e falando, ou melhor, gritando frases sem sentido. Por um momento de loucura, ele pensou que estivessem tentando roubá-lo. Chegou a se imaginar abrindo a porta de casa e contando à esposa que fora assaltado por crianças – e, a propósito, querida, como foi o *seu* dia? Mas não era de dinheiro que elas estavam atrás, ele logo percebeu, embora tivesse levado algum tempo para entender o que de fato queriam, porque ambos choravam histericamente.

– Ei, calma. Qual é o problema? – perguntou ele, dirigindo-se à menina.

– Por favor, o senhor pode ajudar a gente? Aconteceu uma coisa com Marty e Todd. O senhor pode vir?

A menina o puxava pelo braço, tentando tirá-lo da trilha e levá-lo pelo estreito bosque coberto de neve. Ele conhecia bem o parque, que frequentara na infância, onde disputara partidas de futebol na adolescência, e agora o usava como atalho para ir e vir da obra em que vinha trabalhando. Não havia nada além de árvores ali, exceto um grande lago com alguns barcos que delimitava a área do parque.

Um arrepio percorreu seu corpo e não tinha nada a ver com a baixa temperatura daquele dia.

– Ei, calma – pediu ele, resistindo ao puxão surpreendentemente forte. – Respire fundo e me conte o que aconteceu. Quem são Marty e Todd e onde eles estão?

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, a garota falava tão rápido que parecia que cada palavra colidia na anterior:

– Marty é nosso irmão mais velho. A gente estava brincando com Todd perto do lago, e eu disse para Marty que ali não era seguro, mas ele falou que não tinha problema, e aí Todd correu de costas e acabou no meio do lago, e primeiro pareceu que estava tudo bem, porque a água está congelada, mas depois o gelo rachou e ele caiu e não conseguiu sair. Aí Marty foi ajudar Todd e caiu também.

– Mostre onde eles estão – ordenou o homem, já começando a correr em direção às árvores.

As crianças, um pouco mais calmas agora que haviam encontrado um adulto para tomar conta da situação, foram atrás dele.

– Vocês estão aqui com alguém? Seus pais ou outra pessoa? – perguntou ele, as palavras saindo abruptas, firmes, acompanhadas por uma nuvem de vapor.

Ele já censurava os adultos que tinham permitido que essas crianças corresse tamanho perigo. Nem em um milhão de anos ele deixaria Jake ir para o parque desacompanhado. Seu jeito superprotetor às vezes incomodava a esposa, mas olhe só o que podia acontecer quando os pais deixavam os filhos sozinhos: eles caíam em lagos congelados.

Aguentem firme, garotos. Estou chegando.

Ele irrompeu do meio das árvores, parando na margem do lago. Instin-

tivamente, abriu os braços para barrar as crianças que corriam ao seu lado e impedi-las de escorregar pela pequena inclinação coberta de neve e ir parar no gelo.

– Olhe eles ali! – exclamou a garota, estendendo um braço trêmulo para indicar, a cerca de 15 metros, dois pontos onde a superfície fina de gelo havia rachado e Marty e Todd tinham caído.

Os olhos do homem correram de uma fenda à outra no gelo, avaliando a situação. Era ruim, mas não tanto quanto temera. Do buraco mais distante veio uma série de latidos curtos e agudos quando Todd avistou sua família. Mas a maior preocupação do homem estava no outro buraco, onde um garoto que parecia ter uns 11 anos tentava manter os cotovelos na instável borda de gelo. Ele chorava, apavorado, e ainda assim olhava para trás a todo instante, tentando ver o cãozinho de estimação que se debatia na água gelada para se manter na superfície.

– Agente firme, filho. Mantenha os cotovelos no gelo e tente não bater muito as pernas. Estou indo buscá-lo! – gritou o homem, tirando o casaco acolchoado e jogando-o na margem coberta de gelo.

O rosto do menino estava branco de medo, com as sardas em seu nariz, uma lembrança distante do verão, destacadas feito respingos de tinta marrom em uma tela branca.

– P-por f-favor, pegue o Todd p-primeiro – implorou o garoto, batendo os dentes. – Ele está na água há mais tempo do que eu.

O homem não respondeu, não queria deixar o garoto ainda mais agitado. Ele olhou novamente para o cão. O animal lutava freneticamente, tentando escalar as bordas irregulares do gelo, que lembravam os dentes afiados de um esqueleto. A mandíbula da morte. O homem estremeceu.

– Pessoas primeiro, cachorros depois – proferiu ele ao se encaminhar, com cuidado, à superfície escorregadia do lago, que mais parecia de vidro.

Firmou o peso em um pé, preparando-se para recolhê-lo rápido se o gelo estalasse ou se partisse debaixo dele. Tudo permaneceu quieto e sólido, então ele foi em frente.

Quinze metros que mais pareciam quilômetros. Depois de dois ou três passos, notou a mudança sob suas pesadas botas de trabalho. O que de início parecera sólido e seguro agora apresentava uma consistência esponjosa. Ele fez uma pausa, olhou para trás, para as duas crianças na margem, e abriu um sorriso

breve e tranquilizador. Bem devagar, foi se abaixando, primeiro se agachando, depois ficando de quatro, até por fim se deitar no gelo. *Distribua o peso*, disse a si mesmo, tentando lembrar-se de qualquer outro conselho que já tivesse ouvido para uma situação como aquela. Mas o único que lhe vinha à cabeça era: *não faça isso*. Ele soltou o ar ruidosamente pela boca e trincou os dentes.

Começou a se arrastar até o garoto, lutando contra o ímpeto de se apressar, pois sabia que o gelo era instável e traiçoeiro. Sua impressão era que estava ali havia horas, mas só podiam ter se passado minutos. Ele enfim se viu perto o bastante para agarrar uma das mãos cobertas com luva de lã.

– Segure firme – instruiu, já enroscando os dedos nos punhos ossudos do menino para dar mais firmeza. – Vamos tirar você daí já, já.

Era uma promessa que ele rezava para que pudesse cumprir.

Ele se preparou, e até mesmo o cão ficou em silêncio, como se também se desse conta da importância do momento. O homem puxou o mais forte que pôde, tentando não se preocupar com a possibilidade de o garoto sofrer uma luxação ou se ferir nas bordas afiadas do gelo. Esses problemas poderiam ser resolvidos. Mas, se Marty escorregasse e afundasse sob a superfície gelada, talvez já não fosse possível ajudá-lo.

O garoto voou da água como um peixe no anzol. Da margem, as crianças menores comemoraram de alegria. O homem trincou de novo os dentes. Ainda não estavam a salvo.

– P-podemos t-tirar Todd agora? – pediu o garoto.

O homem sacudiu a cabeça brevemente enquanto começava a deslizar para trás centímetro a centímetro, em direção à margem, puxando o menino.

– Primeiro vamos levar você para terra firme. Depois nos preocupamos com seu cachorro – replicou, torcendo para que a mentira acalmasse o garoto até que estivesse fora de perigo.

Marty era magro, mas estava encharcado e não conseguiria seguir sozinho. E o risco de hipotermia em um corpo tão franzino era muito provável.

O homem sentiu um alívio enorme quando por fim empurrou o garoto para fora do gelo, uma sensação que lhe acometera pouquíssimas vezes na vida, talvez só comparável ao momento em que lhe disseram, na sala de parto, que as duas pessoas que mais amava no mundo estavam bem. Ele pegou seu grosso casaco acolchoado e envolveu o menino, esfregando energicamente o corpo frágil e trêmulo para reativar a circulação.

– Você está bem? Consegue respirar? Está machucado? – perguntou o homem, já tirando o telefone do bolso do casaco.

– Não. Só frio – disse o garoto, com os lábios azulados. – Obrigado. O senhor vai voltar para pegar o Todd agora, não vai?

A ligação para o serviço de emergência se completou naquele momento, e ele aproveitou para apenas erguer a mão para o menino, adiando a resposta enquanto pedia uma ambulância. Mas seus olhos revelaram suas intenções. Ele sempre fora um péssimo mentiroso. As duas crianças menores se juntaram ao irmão, os três olhando para o membro da família que continuava em perigo. Eles conversaram de forma apressada, em sussurros urgentes, mas ainda assim o homem demorou a perceber o que estava acontecendo. Foi só quando viu Marty livrar-se do casaco que o envolvia que ele se deu conta dos planos do menino.

– O senhor não vai ajudar o Todd a sair da água, não é? – perguntou o garoto, a voz trêmula.

Três rostinhos o fitavam, cada um deles implorando para que ele afirmasse que iria.

– Ele é um cachorro – argumentou o homem, já se dando conta da inutilidade de tentar fazê-los entender.

– É *claro* que ele é um cachorro – replicou o menino mais novo, com um olhar depreciativo e a voz desdenhosa. – Mas o senhor tirou Marty. Por que não pode tirar o Todd?

Os olhos dos três o perfuravam. O homem olhou de volta para o lago e percebeu que os valentes esforços do animal pareciam diminuir à medida que ele ficava mais gelado e fraco. Grandes pedaços de gelo se soltavam sob suas patas frenéticas sempre que ele se aproximava da borda, fazendo-o mergulhar de volta nas profundezas glaciais.

– Ele vai conseguir sair sozinho – disse o homem, exibindo uma confiança que na verdade não sentia. – Os cachorros são espertos. Dê só um minuto a ele.

O menino que ele tinha acabado de resgatar o encarou com inegável decepção.

– O senhor *tem* que ajudar o Todd, senão ele vai se afogar ou morrer congelado – alegou, com uma certeza inabalável. – E, se o senhor não vai buscá-lo, então eu vou.

Marty se moveu em direção à margem do lago congelado. O homem o conteve sem dificuldade. O corpo frio e ossudo se debateu, tentando se libertar.

– Então eu vou – declarou a irmã, determinada, aproximando-se da borda do gelo mais do que seria prudente.

– Ou eu – acrescentou o mais novo.

O homem deixou escapar um murmúrio de desespero. Ele podia impedir um deles, mas não os três.

– Todd! – gritou o garoto, contorcendo-se nos braços do homem.

As crianças arquejaram em uníssonos quando seu cachorrinho de estimação desapareceu sob a superfície da água. Depois de dez agonizantes segundos, sua pequena cabeça peluda reapareceu, e foi nesse momento que o homem soube que não tinha opção, porque ele vira a expressão de derrota nos olhos do animal. Ele estava desistindo.

– Merda – disse o homem, olhando à sua volta à procura de outra solução, outro adulto. Mas não havia.

Sabia que o que estava prestes a fazer era uma péssima ideia, mas qual era a alternativa? O gelo o havia sustentado antes, sustentaria outra vez. Assim ele esperava.

Ele se voltou para as três crianças, que agora choravam. Pousou a mão forte e firme nos ombros das duas mais velhas.

– Muito bem. Ouçam com atenção. Vou tentar ajudar o Todd, mas com uma condição.

Três cabeças assentindo já prometiam que concordariam com qualquer coisa que ele pedisse.

– *Ninguém*, repito, *ninguém* deverá dar sequer um único passo nesse gelo. Ninguém, exceto eu. Entendido? O que quer que aconteça, vocês três devem ficar bem aqui, onde estão, até eu voltar. Prometem?

Os olhos dos três estavam arregalados de terror, mas novamente eles assentiram. O homem lançou um último e esperançoso olhar para os arredores, só que no fundo não esperava encontrar mais ninguém andando na margem do lago àquela hora. Ele ergueu a cabeça para o céu. Em quinze minutos estaria tudo escuro. Se ele ia mesmo cometer aquela loucura, então não tinha muito tempo.

Tornou a pisar no gelo.



O táxi o deixou na esquina, a uma curta caminhada da loja de departamentos.

– Aqui está bom, companheiro?

O homem deixou de lado os e-mails e ergueu os olhos da tela. As calçadas da Oxford Street estavam cheias de pessoas fazendo compras de última hora – o que já era de se esperar, pois faltava menos de uma semana para o Natal.

– Sim, está ótimo – murmurou o homem, guardando o telefone e puxando uma cédula da carteira.

Ele nem olhou para o valor mostrado no taxímetro, apenas entregou a nota e falou automaticamente:

– Fique com o troco.

O taxista sorriu e foi logo guardando o dinheiro no bolso, para o caso de o homem ter entregado a cédula de valor mais alto por engano.

– Feliz Natal, companheiro – disse o motorista, quando o homem já se encontrava do lado de fora.

O passageiro se limitou a assentir, sua atenção agora voltada para o que havia atraído seu olhar quando eles pararam na esquina. Diante da loja de departamentos à qual ele se dirigia havia uma pequena banda de metais, ou orquestra, ou conjunto (ele nunca entendera a diferença). Qualquer que fosse o nome, havia pessoas com uma variedade de instrumentos musicais, posicionadas em um grande semicírculo atrás de estantes de partitura e seguindo os movimentos entusiasmados dos braços do maestro. O som de canções natalinas enchia a rua, abafando o trânsito de Londres e colocando um sorriso de nostalgia até em quem preferia não parar para ouvi-las.

Ele se pôs a caminhar na direção da loja, atrapalhado pelo fluxo da multidão. No entanto, após apenas 20 metros, uma desconfortável sensação de aperto e sufoco atingiu seu peito como um pequeno cometa flamejante. Foi tão súbita e inesperada que ele parou de repente, e um homem com tatuagens, piercings e jaqueta de couro que vinha logo atrás se chocou com ele.

– Não dá para parar assim no meio da rua, cara! – vociferou o tatuado, alheio ao espírito natalino que contagiava a multidão reunida pela música.

– Desculpe – murmurou ele, mais preocupado com a recorrência daquele estranho sintoma do que com a ira do homem.

Ele estava ficando doente, sem dúvida. Era a terceira vez em dois dias que sentia aquilo. Estendeu a mão, apoiou-se no poste e esperou que o mal-estar passasse. Estava frio; a previsão do tempo anunciara que poderia nevar à tarde e à noite. No entanto, ele de repente sentiu um calor extremo. Teve que lutar contra o impulso de arrancar o caro sobretudo de lã e o paletó. Tocou os lábios, nem um pouco surpreso ao sentir pequenas gotas de suor. Droga. Devia ter pegado aquela gripe que vinha se espalhando pelo escritório. Era muito azar ficar doente logo no recesso de fim de ano. Bem, ainda tinha uma semana antes da viagem – devia ser tempo bastante para se recuperar. Ele sorriu e tateou o bolso interno, onde as passagens para Nova York – uma surpresa para a esposa – estavam escondidas. Ela vinha querendo voltar lá havia séculos, mas ele sempre dava uma desculpa e adiava. Mas qual era o sentido de trabalhar tanto, como ambos faziam, se não pudessem esquecer os compromissos um pouco e se dar um presente de vez em quando? Tornou a sorrir, imaginando a expressão dela quando visse o que ele tinha feito. Reservara um hotel de luxo, comprara lugares excelentes para um espetáculo da Broadway e estava preparado, munido de paciência, para deixá-la visitar a cidade inteira sem correria ou fazer compras até cansar. Se isso não fosse amor verdadeiro, então ele não sabia o que era.

Em menos de um minuto, a estranha sensação em seu peito havia passado. Fez uma anotação mental para comprar uma caixa de paracetamol e se misturou mais uma vez ao fluxo de pedestres. Havia muitas pessoas em torno do grupo musical, algumas cantarolando, por isso ele demorou um pouco a alcançar as portas de vidro giratórias da loja. Precisou parar e esperar sua vez por algum tempo. Ele estava de costas para o conjunto e, mesmo não sendo músico – longe disso –, quando as notas do trompete soaram altas e claras atrás dele, reconheceu o instrumento. Mais uma vez ele experimentou aquela compulsão familiar, que, mesmo após tantos anos, não conseguia ignorar. Sua cabeça se virou e seus olhos foram direto para a pessoa que tocava o reluzente instrumento de metal. Era involuntário, um reflexo; ele fazia isso sempre que estava em um show, um concerto ou qualquer apresentação ao vivo. Era como se as notas do trompete o cha-

massem feito o canto de uma sereia. Fazia isso havia muitos anos, provavelmente faria para sempre. Seu olhar se elevou até o rosto do músico que soprava o instrumento na agitada rua de Londres. Não era ela. Nunca era.

Quando entrou na loja, a cortina de ar quente que jorrou das saídas de ventilação lhe deu a impressão de estar em uma estufa. O coquetel de fragrâncias de centenas de perfumes e cosméticos que circulava por ali só aumentou essa sensação. Por um instante ele lamentou a decisão de fazer compras no meio do dia, mas sua agenda estava cheia de compromissos até que o escritório fechasse para o Natal; aquele era o único tempo livre que teria pelos dias seguintes.

Foi seguindo pela loja, impelido pelo fluxo de clientes, até que encontrou o departamento que procurava. Havia vantagens em ter mais de 1,80 metro e, sem dúvida, poder ver acima das cabeças de uma multidão era uma delas. Ele conseguiu contornar as pessoas indecisas e as que olhavam cada peça à venda, evitou o jato de uma colônia que não tinha o menor interesse em experimentar e encontrou o balcão de joias que procurava.

Estava em busca de outro presente de Natal para a esposa. Seria o último a se juntar à coleção de embrulhos de lojas sofisticadas que ele já escondera no fundo de seu armário. Ambos costumavam exagerar um pouco nos aniversários, nas bodas e, é claro, também no Natal. Seria fácil imaginar que faziam isso para compensar algo que faltava em suas vidas, mas a verdade era bem mais simples: ele simplesmente gostava de mimá-la.

Parou diante da deslumbrante coleção de joias assinadas que se encontrava trancada em um gabinete de vidro. Estava orgulhoso por ter lembrado que, alguns meses antes, ela comentara ter gostado daquela coleção em particular. Mas ele não esperara que houvesse tantas peças a escolher. Ia precisar de ajuda.

– Posso ajudá-lo?

Ele ergueu os olhos e sorriu para a vendedora, que, por sua vez, observou com atenção o homem alto de olhos azuis penetrantes e incrivelmente bonito parado diante do balcão. Ela retribuiu seu sorriso com mais interesse. O homem não percebeu, mas ela se aproximou um pouco mais e seu olhar mudou ao encará-lo. Não era uma reação incomum. Não que ele fosse arrogante nem convencido, só que costumava atrair as mulheres; nunca tivera muito trabalho nesse aspecto. *Exceto uma vez*, lembrou-

-lhe uma voz que ele sempre tentava ignorar. Apagou aquela centelha de lembrança como faria com uma chama, antes que se espalhasse. *Maldito trompete*, pensou, irritado.

– Sim, por favor. Estou procurando um presente para a minha esposa.

A balconista não abaixou a cabeça a tempo para disfarçar a decepção.

– Em que exatamente estava pensando? Temos pulseiras e cordões lindos que acabaram de chegar. Gostaria de começar por eles?

O homem assentiu com um leve dar de ombros, e a vendedora riu.

– Não se preocupe. Ajudamos muitos maridos a escolher um presente especial para a esposa. Tenho certeza de que encontraremos algo perfeito para ela.

Quinze minutos depois, ele continuava longe de decidir. Correu um dedo por dentro do colarinho ao se abaixar para examinar as joias expostas no veludo azul. Estava ficando quente no interior da loja e ele se perguntou se não teriam aumentado o aquecimento. Além disso, a lâmpada que pendia logo acima do balcão para realçar as joias irradiava calor sobre sua cabeça. Ele havia começado a transpirar, o corpo inteiro encharcando-se com um suor pegajoso, e desejou que tivesse parado para comprar o paracetamol antes de escolher o presente. Tinha certeza de que estaria melhor se tivesse tomado um ou dois comprimidos.

De repente, tudo que desejava era sair logo daquela loja supercara, superquente e superlotada. Ele não só queria como *precisava* de ar fresco. Sentia a pulsação forte e rápida em seu pescoço e, quando falou, teve que fazer um esforço monumental para se manter respirando.

– Vou levar este aqui – disse, indicando aleatoriamente um dos cordões.

– Ótima escolha – elogiou a vendedora, erguendo a joia. – Gostaria que embrulhasse para pres... – Ela hesitou, a voz subitamente cheia de preocupação: – Está se sentindo bem?

Ele tentou encontrar um sorriso tranquilizador, mas o esforço provocou uma estranha dor aguda em seu maxilar.

– Estou bem – mentiu, apoiando um braço no balcão, porque de repente não confiava que suas pernas suportariam o peso do corpo. – Só está um pouquinho quente aqui.

– Gostaria de um copo d’água ou algo assim?

O homem aquiesceu, querendo conservar o ar em seus pulmões, que pa-

reciam estar lutando para fazê-lo respirar. *Que tipo de gripe é esta?*, pensou ele, preocupado.

Ele nem mesmo ouviu a mulher pedir a uma de suas colegas que buscasse um copo d'água, porque estava preocupado demais em não tombar ali mesmo no corredor e se transformar em um espetáculo diante da horda de consumidores.

– Tem uma cadeira logo ali adiante – disse a vendedora, tocando de leve em seu cotovelo e indicando uma cadeira de veludo vermelho ao lado do balcão.

– Não, está tudo bem – respondeu ele, alheio ao fato de que suas palavras saíam de lábios que já se tornavam azulados.

Agora a atendente estava preocupada *de verdade*.

– O senhor gostaria que eu chamasse o gerente? Ele pode perguntar pelo alto-falante se há algum médico na loja...

– Por Deus, não – pediu o homem, enfático. – É só uma gripe. Vai passar em um minuto.

A mulher pareceu ter sérias dúvidas em relação a isso. Olhou à sua volta para ver se tinham trazido a água, mas não havia ninguém ali a não ser os clientes, amontoados como um cardume de carpas ao ser alimentado.

– Pegue – disse a vendedora, estendendo-lhe uma garrafinha de água que tirou da própria bolsa, sob o balcão. – Ainda não abri.

– Obrigado – murmurou o homem, com a voz fraca.

Uma das mãos dele ainda estava apoiada no balcão, sustentando o peso do corpo, de forma que foi difícil abrir a garrafa, mas por fim o frágil lacre plástico se rompeu, fazendo com que a tampa saísse voando. No entanto, ele não bebeu a água, porque, quando sua mão trêmula levava a garrafinha aos lábios, uma dor súbita e intensa esmagou seu peito. Foi como se um cinto de aço o envolvesse e apertasse cada vez mais. Pontos cinzentos dançaram diante de seus olhos e ele largou o frasco, derramando uma pequena torrente de água no display das joias.

O homem tombou praticamente no mesmo instante em que a garrafa chegou ao chão.

Dizem que o olfato é o mais eficiente dos sentidos quando se trata de evocar emoções e lembranças. Acho que concordo com isso. Porque, para mim, o cheiro de nuggets estará para sempre associado a más notícias. Na verdade, talvez eu devesse esclarecer que, não exatamente nuggets, mas nuggets queimados. Eles estavam no grill, um dos lados já dourado, o outro quase bom, quando a batida soou à minha porta. Por um segundo pensei que ele tivesse esquecido as chaves, mas então me lembrei de tê-lo visto tirá-las de manhã do molho que tinha também as chaves do carro.

Distingui os vultos de duas pessoas por trás do vidro fosco da porta da frente. Olhei ao redor, em busca de minha bolsa. Era cedo demais para a visita de cantores natalinos – a noite ainda caía – e as silhuetas eram bastante altas, mas hoje em dia, quando não estão de uniforme escolar, a maioria dos adolescentes parecem adultos.

No entanto, não eram adolescentes, tampouco faziam parte de um coro natalino. Mas estavam de uniforme. Assim que abri a porta, tiraram o quepe ao mesmo tempo, como se tivessem praticado aquele gesto na academia de polícia feito atletas de nado sincronizado. *Por que eles fazem isso?*, uma parte da minha mente perguntou, enquanto minha mão ia até a boca, como se preparada para abafar um grito. A outra mão já se apoiava no batedor da porta.

– Sra. Taylor?

Fiz que sim com a cabeça.

– Sra. Alexandra Taylor?

E por que eles fazem isso também? Por que duas perguntas em vez de uma? Por que perder tempo quando era óbvio que eu era a pessoa que eles procuravam, a julgar pelo sangue que se esvaía do meu rosto.

– Qual é o problema? É o Joe? Aconteceu alguma coisa?

Que pergunta idiota: claro que alguma coisa havia acontecido. Estava lá, nos olhos deles, nos quepes cuidadosamente enfiados debaixo do braço, na pausa que fizeram antes de responder.

– Receio que tenha acontecido um acidente – falou o policial mais alto e um pouco mais velho.

Olhei para o outro homem, como se ele pudesse ter notícias diferentes,

mas ele só parecia desconfortável e nervoso. Dava para ver que era a primeira vez que fazia aquilo.

– Mas o carro está *comigo* – aleguei, porque esse era sempre o meu medo quando as estradas estavam cobertas de gelo.

– Não foi um acidente de carro – disse o policial com gentileza, como se a má notícia pudesse de alguma forma ter diminuído minha capacidade mental. Na verdade, provavelmente era o que tinha acontecido. – Podemos entrar?

Eu queria dizer não, porque eu não queria que nada daquilo fosse real. Eu queria fechar a porta – até mesmo batê-la – em seus rostos jovens e solidários e dizer que tinham chegado à casa errada, à mulher errada, ao homem errado.

Eu cambaleei de volta para o hall de entrada e eles me seguiram, um deles estendendo a mão para segurar meu cotovelo e me equilibrar.

– Joe. O que aconteceu com ele? Que tipo de acidente? Ele...

– Seu marido está vivo. Ele foi levado para o Hospital St. Elizabeth. A última informação que recebemos é que seu estado é crítico. Ele ainda está inconsciente.

O cheiro de farinha de rosca queimada vinha da cozinha e chegava até o hall, permeando as palavras quase incompreensíveis.

– Os paramédicos conseguiram reanimá-lo no local, mas ainda não sabemos por quanto tempo ele ficou sem respirar.

Joe sem respirar? Aquilo tinha que ser um terrível engano. Joe respirava bem. Um pouco ruidoso à noite, às vezes, mas eu até gostava daquele barulho. Ele era *excelente* em respirar.

– Não estou entendendo. O que aconteceu com o meu marido? – gritei, agarrando o policial pelas mangas de seu casaco azul e sacudindo-as como se quisesse arrancar a resposta dele.

– Desculpe, devíamos ter explicado. Ele se afogou, Sra. Taylor – foi a resposta totalmente inconcebível.

Em algum lugar bem distante, o alarme de fumaça da cozinha começou a soar.

Charlotte

– Papoula Furiosa ou Luz Vermelha? – perguntou a manicure, com um sorrisinho.

Avaliei os dois frascos na mesa diante de mim. Minha mão pairou acima deles, movendo-se para a frente e para trás, antes de pegar o tom de vermelho mais escuro.

– Acho que uma viagem a Nova York merece uma cor mais ousada – decidi, entregando o vidro a ela.

– Você tem *muuuuuita* sorte. – A manicure suspirou, sacudindo o esmalte com vigor. – Eu vou ficar surpresa se meu namorado me der algo além de um kit de produtos de higiene comprado no supermercado. Ele nunca pensaria em me surpreender com uma viagem.

Eu me remexi na cadeira, um pouco constrangida por ter deixado meu segredo escapar para uma garota que eu mal conhecia, que só via no salão. Mas eu precisava contar para alguém. Estava tão entusiasmada que queria compartilhar a notícia, e não podia deixar que David descobrisse que eu tinha lido o e-mail que ele se esquecera de apagar e que confirmava o itinerário da viagem que ele me daria de Natal. E eu não tinha bisbilhotado: praticamente dera de cara com ele enquanto procurava outra coisa. Não sou o tipo de mulher que *fica vasculhando o e-mail do marido. De verdade, meritíssimo*. Sorri ao me visualizar no banco dos réus. Talvez uma vez... mas havia muito tempo, em outra vida, de outra eu. Uma pequena e incômoda lembrança emergiu do nada para furar minha bolha de bom humor, arrastando-me de volta a uma noite não tanto tempo antes assim. Fazia só um ou dois meses, na verdade, que os murmúrios do meu marido durante o sono me acordaram no meio da noite. Contraí os músculos involuntariamente, fazendo a manicure passar o esmalte vermelho-vivo fora da unha que lixara até ficar perfeitamente oval.

– Desculpe.

Ela ergueu os olhos e conseguiu esconder o ar de irritação enquanto consertava o defeito.

Eu tivera sorte por conseguirem me encaixar tão em cima da hora, mas eu era uma cliente assídua, então haviam dado um jeito. Pelo menos não tinha que me preocupar em escapular do trabalho. Essa é a vantagem

de ter o próprio negócio: o chefe é sempre muito flexível em relação a coisas assim.

Eu não duvidava nem por um minuto de que David houvesse planejado esse fim de ano até o último detalhe. Ele era um mestre da organização em tudo que fazia. Precisava ser, com o trabalho que tinha. Não haveria nenhum documento faltando, nenhum seguro de viagem inválido, nenhum passaporte expirado. Mas no fim das contas ele ainda era um homem e não imaginaria a necessidade de manicure, pedicure e, claro, de uma boa depilação antes que qualquer mulher que se preze pudesse sair de férias.

Não que eu tivesse a intenção de deixá-lo saber que eu havia descoberto sobre nossa viagem pós-natalina a Nova York. David ficaria arrasado se eu arruinasse a surpresa, principalmente porque ele, como era óbvio, tivera muito trabalho para me dar esse presente perfeito. Eu não ia fazer nada que estragasse o momento. O que significava que eu passara bastante tempo diante do espelho do banheiro nos últimos dias, praticando minha cara de surpresa e encantamento, até ter certeza de que podia transmitir a mistura certa de assombro e entusiasmo.

Eu me vi sorrindo outra vez, esperando a primeira camada de esmalte secar. A manicure tinha razão: eu era uma garota de sorte. Vi de relance meu reflexo em um dos muitos espelhos do salão. Correção: mulher, não garota. Quando você sai da casa dos 20, é bem provável que já não possa se agarrar ao título de *garota* por muito mais tempo. Olhei de novo para o meu reflexo e me perguntei se David tinha razão, se eu não aparentava a idade que tinha. Meu cabelo louro tinha um corte irregular e estiloso que acompanhava o contorno do meu rosto e seguia a linha do maxilar. Eu fizera luzes sutis para dar o aspecto de que tinha acabado de voltar de férias na praia. Tinha tempo e dinheiro para gastar com maquiagem, manicure, spray de bronzeamento e limpeza de pele. Eu sabia que parecia anos mais jovem que muitas mulheres por quem eu passava na rua, mulheres que deviam ter a mesma idade que eu. Mulheres que pareciam estressadas e preocupadas com a vida enquanto empurravam carrinhos de bebê pelas calçadas, apressadas para chegarem às casas de babás ou creches, arrastando crianças pequenas que pareciam desprovidas de qualquer senso de urgência. Sorte, muita sorte a minha.

Na metade da segunda demão de esmalte, a sonolenta música ambiente foi interrompida por um ruído brusco vindo dos meus pés. Olhei para

baixo e senti minha bolsa de couro escuro vibrando, como se uma minúscula criatura estivesse aprisionada dentro dela.

– Desculpe – falei. – Esqueci de tirar o som.

– Não se preocupe – assegurou a manicure, fazendo uma pausa com o pincel no ar antes de continuar: – Quer atender?

– Não. Vou deixar ir para a caixa postal. Simplesmente ignorar.

Porém, o telefone não parou. Instantes depois, quando a pessoa que ligava já teria sido encaminhada para a caixa de mensagens, o aparelho tornou a tocar. Olhei para a bolsa, a testa franzida, como se isso fosse o suficiente para fazer a pessoa desistir.

– Tem *certeza* de que não quer atender? – perguntou a manicure.

Baixei os olhos para minhas unhas vermelhas brilhantes, abertas em leque sobre a mesa como as pontas das asas de uma borboleta exótica. Eu não poderia tocar em nada por pelo menos dez minutos sem arruiná-las.

– Não. Quem quer que seja pode esperar – declarei.

Mas aparentemente não podia, porque não demorou nem um minuto para que o telefone voltasse a vibrar.

– Sinto muito – desculpei-me.

A garota se deteve para atarraxar a tampa do extrabrilho que tinha acabado de aplicar.

– Não se preocupe. Acontece o tempo todo. Quer que eu atenda, porque o esmalte ainda está fresco?

Existe algo um tanto perturbador em observar outra mulher vasculhar sua bolsa, e eu fiquei muito contente quando ela encontrou o telefone, colocou-o na palma da mão e espiou a tela.

– David – leu. – É o seu...

– Marido, sim – concordei, mordendo o lábio.

Ele provavelmente imaginou que eu ainda estivesse no escritório, porque eu não havia contado que tiraria algumas horas para me preparar para uma viagem sobre a qual não deveria saber.

– Você se importa de só dizer a ele que estou ocupada e que ligo de volta em vinte minutos?

David não conhecia todos os membros da minha equipe, portanto, com sorte, pensaria que estava falando com uma das funcionárias juniores e não desconfiaria de nada.

– É claro – replicou ela, apertando o botão para aceitar a chamada.

– Não diga nada sobre onde estou – sussurrei no instante em que ela abriu a boca para falar. – E absolutamente nada sobre Nova York – acrescentei, numa urgência cheia de pânico.

Recostei-me na cadeira sentindo-me culpada, como se tivesse sido pega traindo David ou algo assim, o que era loucura. Como se eu algum dia fosse capaz de fazer isso.

– Alô. Não, não é ela. Infelizmente ela não vai poder atender agora.

Seguii-se um breve silêncio e, como eu observava a manicure com atenção enquanto ela mentia para o meu marido em meu nome, percebi o exato momento em que ela ficou ciente de que alguma coisa estava errada. Seu rosto ficou vermelho.

– O que foi? O que ele disse? – perguntei, com urgência.

A manicure segurou o telefone junto ao meu ouvido.

– Não é ele, é uma mulher.

Não havia nenhuma razão para pensar nisto, mas, naquele breve milissegundo em que me debrucei sobre a mesa, o nome dela foi o único que passou por minha cabeça. A manicure continuava a segurar o telefone.

– Alô, quem é? – perguntei, percebendo a dureza em minha voz.

– Meu nome é Marie. Trabalho na loja Sunderson's. É a Sra. Williams?

Enquanto eu confirmava minha identidade à mulher, meu cérebro percorria uma lista de possíveis razões para aquele telefonema. E optou pela única que parecia lógica: David devia ter perdido o telefone e essa mulher o encontrara em algum lugar. Gostei dessa solução; fazia sentido.

– Sra. Williams, seu marido me pediu que ligasse para a senhora...

– Ele pediu? Desculpe, mas não estou entendendo – interrompi, minha teoria indo por terra e se despedaçando.

– Ele veio à loja comprar uma... Bem, isso não é importante... Mas ele... ele se sentiu mal.

No tempo que levei para arrancar o telefone da manicure – borrando as unhas –, uma série de imagens cruzou em disparada minha mente: David empurrando para o lado a comida na última noite, mal tocando-a; David tendo que parar entre os lances de escada para recuperar o fôlego ao subir até nosso apartamento; seu rosto ao me dar um beijo de despedida naquela manhã, a cor um pouco mais pálida do que de hábito.

– David está aí? Pode passar o telefone para ele, por favor?

– Não posso fazer isso agora, Sra. Williams – disse a mulher com um pequeno ruído sufocado, parecendo estranhamente estar chorando.

O medo caiu sobre mim como um manto.

– Por que não? Onde ele está? Ele está aí?

A mulher hesitou antes de responder:

– Sim, mas ele não pode falar agora.

– Por que não?

– Porque os paramédicos estão com ele – continuou a mulher, desconhecida. – Estão colocando seu marido na maca agora.

– Paramédicos? Por que ele precisa de paramédicos? – Havia um pânico genuíno em minha voz agora. – Por que ele está numa maca? Por favor, me diga o que aconteceu com ele.

Eu podia ouvir alguém falando ao fundo, e a mulher levou um segundo ou dois para responder:

– Acabaram de me dizer que vão levá-lo para o St. Elizabeth e que a senhora deve encontrá-los lá.

– Por que estão levando David para o hospital? Não estou entendendo. Ele só está gripado ou algo assim.

A mulher pareceu quase se desculpar por ser ela a me dar as más notícias. Era mais do que errado que eu fosse a última a saber.

– Não creio que seja uma gripe, Sra. Williams – disse a mulher, gentil. – Não quero alarmá-la, mas acho que seu marido sofreu um ataque cardíaco.